

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 92
Data: 28.02.88 Pg.: _____

Índios preferem poupança ao overnight

AQUIDAUANA, MS — Open (mercado aberto), over (aplicação por um dia), CDB (Certificado de Depósito Bancário), RDB (Recibo de Depósito Bancário) e títulos de capitalização são alternativas de investimento já familiares aos índios terenas, habitantes da aldeia Limão Verde, no Mato Grosso do Sul. Eles passaram a conhecer essas aplicações financeiras depois que pesquisaram, nos bancos da cidade, as melhores opções de investimento. Acabaram escolhendo a caderneta de poupança, onde depositam os lucros de suas lavouras de arroz, feijão e milho.

Os terenas somam 178 famílias, lideradas pelo cacique Isac Pereira Dias, de 55 anos. Há seis meses ele abriu uma conta que hoje apresenta saldo de CZ\$ 50 milhões. A expectativa dos índios é de que, nos próximos quatro meses, com a nova colheita, o saldo duplique.

— Não foi fácil chegar a um consenso, porque existem investimentos que rendem da noite para o dia e isso atrapalhou bastante as nossas

reuniões, regadas a cuias de tereré (chimarrão gelado) — conta o cacique. “Eu tinha sempre de explicar para a tribo que certos investimentos rendem juros muito oscilantes, o que aumenta a possibilidade de perdas, tendo em vista a inflação. Já a caderneta de poupança é diferente, supera a taxa de inflação.

Isac tem cinco filhos e oito netos, sabe ler e escrever e, por isso, é responsável pelas atas das reuniões do conselho da tribo.

Segundo Walter Neto, Chefe do Posto Indígena de Limão Verde, Isac tem experiência bastante para lidar com todo esse dinheiro. Walter zela pela aldeia, situada num vale cercado de altas montanhas de pedras avermelhadas, local antes chamado de Furnas do Limão Verde. Ali, muitas pedras possuem inscrições ainda não decifradas, que foram gravadas pelos ancestrais dos terenas, conforme acredita a maioria deles.

Para seu sustento, os terenas contam com 1,5 mil hectares de terras férteis, distantes 25 quilômetros de



Terenas vendem a produção financiada por seus próprios investimentos

Aquidauana. A agricultura, antes de ser uma fonte de renda, é uma tradição que eles mantêm desde que se libertaram dos kadiwéus. Destes foram escravos até meados do século passado, conta o cacique Isac.

— Nosso objetivo é juntar bastante dinheiro para comprar todas as terras dos fazendeiros que estão ao nosso redor. Queremos de volta esta área, onde se encontram as marcas de nossos ancestrais. Toda esta re-

gião, até onde a visão alcança, nos pertencem. Agora, flechas e tacapes não servem para reconquistá-la. A única arma eficiente é o dinheiro — comenta Isac.

Disposição para reaver as terras perdidas é o que não falta na aldeia Limão Verde. Os homens se levantam cedo e se dirigem às lavouras. As mulheres reúnem grandes quantidades de frutas da época, entre elas abacates, laranjas e mangas, além de mandioca e abóbora, põem a carga num caminhão doado pela Justiça federal e vão vender tudo na cidade.

Esse ganho não é depositado na poupança. É gasto na compra de material escolar e de limpeza, roupas e calçados. Os conselheiros da tribo ficam na aldeia à espera de negócios, pois sempre aparecem comerciantes interessados na compra de mandioca, abóbora e pequi, um tipo de castanha de cheiro forte, que é utilizada em vários produtos e da qual se faz um licor tradicional na região.

Com alimentação os índios quase não têm gastos, porque a tribo é praticamente auto-suficiente: pois pro-

duz arroz, feijão, frutas, verduras, legumes, carne, ovos e leite. A ema é um prato apreciado, com a vantagem de que as penas do rabo são usadas por moças e rapazes em fase de namoro.

Entoando canções, os índios aceleram a produção. Neste embalo, já surgiram 320 hectares cultivados, sendo 80 de arroz, 120 de milho e 120 de feijão.

A expectativa para a próxima colheita, que termina em março, é de dez mil sacas de grãos. Depois, serão iniciados novos plantios, que aumentarão a lavoura para 600 hectares.

— Tudo isso vai se transformar em dinheiro para nossa comunidade e temos orgulho de dizer que não precisamos pedir nada emprestado. Quando plantamos, usamos trator, que é uma peça fundamental neste processo. Do dinheiro que guardamos para usar em casos de necessidade, pagamos as peças do trator, combustível e implementos, e ainda nos sobram CZ\$ 11 milhões — diz o cacique.